

JOÃO WENCK DE HERRENBERG CONTRA NICOLAU DE CUSA: PANORAMA DE UM DEBATE FILOSÓFICO RENASCENTISTA¹

*JOHN WENCK OF HERRENBERG AGAINST NICHOLAS OF CUSA:
AN OVERVIEW OF A RENAISSANCE PHILOSOPHICAL DEBATE*

William D. Sversutti²
Pedro Calixto³

RESUMO

O opúsculo “*A ignota literatura*” (*De ignota litteratura*, 1442-43, *DIL*) de João Wenck de Herrenberg levanta trinta e sete suspeitas de “heresia” em uma das principais obras de Nicolau de Cusa: *A douta ignorância* (*De docta ignorantia*, 1440, *DDI*). Cusa tratou de respondê-las publicamente somente sete anos mais tarde, na obra *Apologia da douta ignorância* (*Apologia doctae ignorantiae*, 1449, *ADI*). Configurar-se-ia, no conjunto dessas obras, um debate de relevância filosófica ainda não totalmente explorado. A partir de um prévio levantamento das abordagens já realizadas na literatura sobre esse debate, o presente estudo procura

-
- ¹ O presente artigo compõe uma seção da tese de doutoramento em desenvolvimento, intitulada: “O debate entre Nicolau de Cusa e João Wenck: problemas e projeções”, da autoria de William Davidans Sversutti, sob a orientação do Prof. Dr. Lúcio Souza Lobo e co-orientação do Prof. Dr. Pedro Calixto. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.
 - ² Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) sob a orientação do Prof. Dr. Lúcio Souza Lobo e co-orientação do Prof. Dr. Pedro Calixto. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8769893436669055>>. *E-mail*: <williamsversutti@gmail.com>. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-2740-768X>>.
 - ³ Doutor pela Universidade de Paris Sorbonne e Universidade de São Paulo. Concluiu o pós-doutoramento pela Universidade de São Paulo sob a orientação de Moacyr Ayres Novaes Filho. Ex-professor da Universitas Catholicae Parisiensis – PUC – Paris. Professor na Universidade Federal de Juiz de Fora Pesquisador junto ao CEPAME – Universidade de São Paulo. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0104971775700240>>. *E-mail*: <pedro.calixto@uff.br>. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-6283-1836>>.

identificar possíveis novos caminhos no estudo desse rico debate renascentista alemão.

Palavras-chave: Filosofia do Renascimento. Filosofia Alemã. Nicolau de Cusa. João Wenck de Herrenberg.

ABSTRACT

Johannes Wenck's pamphlet "*Ignored Literature*" (*De ignota litteratura*, 1442-43, *DIL*) raises thirty-seven suspicions of "heresy" in one of the main works of Nicholas of Cusa: "*The learned ignorance*" (*De docta ignorantia*, 1440, *DDI*). Cusanus tries to openly answer them only seven years later, in *A defense of Learned Ignorance* (*Apologia doctae ignorantiae*, 1449, *ADI*). It would configure, in the set of these works, an relevant philosophical debate that is still not totally explored. Based on a previous survey of approaches already carried out in the literature, this study seeks to identify possible new paths in approaching this rich German Renaissance debate.

Keywords: Renaissance Philosophy. German Philosophy. Nicholas of Cusa. Johannes Wenck of Herrenberg.

INTRODUÇÃO

Na obra “*A douta ignorância*” (“*De docta ignorantia*” – 1440, doravante denominada “*DDI*”), Nicolau de Cusa apresentaria um novo princípio metodológico, capaz de orientar as diversas áreas da filosofia: o “princípio da douta ignorância” (doravante denominado “*PDI*”). Este princípio pode ser extraído da seguinte declaração: “como [o “Máximo”, que é “verdade infinita”] não é da natureza das coisas que admitem excedente e excedido, se situa além de tudo aquilo que pode ser concebido por nós” (NICOLAU DE CUSA, 2003, pp. 8-9)⁴. Em *DDI*, Cusa, inspirado na *Teologia Mística* de Dionísio Pseudo-Areopagita⁵ e nos comentadores do *Corpus dyonisiacum*⁶, inscrevia-se na tradição das assimilações cristãs da hermenêutica neoplatônica, esta última que já lhe orientava desde o tratado político-eclesiástico “*A concordância católica*” (“*De concordantia catholica*” - 1433)⁷, de modo a

⁴ *De docta ignorantia*, L. 1, Cap. IV, 11, linhas 1-8: *Maximum, quo maius esse nequit, simpliciter et absolute cum maius sit, quam comprehendere per nos possit, quia est veritas infinita, non aliter quam incomprehensibiliter attingimus. Nam cum non sit de natura eorum, quae excedens admittunt et excessum, super omne id est, quod per nos concipi potest.*

⁵ Cf. Dionísio Pseudo-Areopagita. *Teologia Mística*, II: “Nosso anelo é adentrarmos nesta treva superluminosa, e pela negação de toda a visão e conhecimento, ver e conhecer que aquele transcende toda visão e conhecimento não pode ser visto e nem conhecido. Isto é verdadeiramente o ver e o conhecer, e pelo fato que se abandona tudo o que existe, louva-se o supraessencial de um modo supraessencial [...]” (DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA in DE BONI, 2005, p. 68. modificada). Sobre a relação entre Nicolau de Cusa e Dionísio Pseudo Areopagita, ver: BAUR, LUDWIG. *Cusanus-Texte.III. Marginalien 1. Nicolaus Cusanus und Ps. Dionysius im Lichte der Zitate und Randbemerkungen des Cusanus*. Heidelberg: Carl Winter’s Universitätsbuchhandlung, 1941.

⁶ Nicolau de Cusa traça uma linhagem desses comentadores na *Apologia doctae ignorantiae*, 30, linhas 21-26: *Sed si se gratiam assequi sperat, ut de caecitate ad lumen transferatur, legat cum intellectu Mysticam theologiam iam dictam, Maximum monachum, Hugonem de Sancto Victore, Robertum Lincolnniensem, Iohannem Scotigenam, abbatem Vercellensem et ceteros moderniores commentatores illius libelli*. Segundo D’Amico, Cusa considera também a Proclo como um sucessor de Dionísio: “La línea que traza el Cusano va de Platón a Dionisio y de éste a Proclo.” (D’AMICO, 2009, p. 108).

⁷ Para conceber uma *concordância* entre a estrutura hierárquica tradicional da Igreja (segundo Dionísio) com o governo do Papa e a democracia conciliarista, uma vez que nenhum desses lados opostos possuíam o poder absoluto: “[...] ainda que, segundo muitos escritos dos santos, a potestade do Pontífice advém de Deus e, segundo outros, do ser humano e dos Concílios Universais, sem dúvida, parece que, em verdade, o meio-termo da concordância é verificável nas *Escrituras*, e tende, por fim, a isto: que a potestade do Pontífice Romano segundo à consideração da sua proeminência,

fundar os alicerces definitivos e o conteúdo programático de sua própria filosofia.

Tendo em vista a construção teórica do *PDI*, pode-se inferir que Cusa concebia dois domínios metaônticos: i) o “*máximo absoluto*” (ou “uno absoluto”), onde há a *igualdade absoluta* (dentre as Pessoas da Trindade), e ii) o “*máximo contraído*” (o “uno-no-múltiplo” ou “*universo*”), que não pode ser entendido fora da *pluralidade dos entes*⁸, onde há uma *diferença essencial*: o “excedente e o excedido”. Segue-se que, uma vez no âmbito do “*máximo contraído*”, os três *modi cognoscendi* humanos (sentidos, razão e intelecto) seriam incapazes de captar a precisão da igualdade que se dá no âmbito do *Máximo absoluto*⁹, pois o conhecimento advindo dos mesmos pode ser cada vez mais preciso, *ad infinitum*. E, desse modo, o conhecimento humano em geral adquiriria o caráter de uma *atividade criadora de conjecturas* definitivamente indefinida que, somente na *alteridade conjectural* (*alteritate coniecturali*), isto é, no domínio do *máximo contraído*, participaria *ao seu modo* da verdade.¹⁰

prioridade e principado, advém de Deus *por meio* dos seres humanos e dos Concílios, a saber, *mediante o consenso* eletivo. (NICOLÁS DE CUSA, 1987, p. 223. Trad. Nossa, Grifos nossos). Cf. *De concordantia catholica*, L. II, cap. XXXIV, 249, linhas 11-20: *Et licet induxerim multa, tamen in hoc resedi quod, licet secundum plura sanctorum scripta potestas Romani pontificis a deo sit et secundum alia ab homine et conciliis universalibus, tamen videtur in veritate medium concordantiae per scripturas investigabile ad hoc demum tendere, quod ipsius pontificis Romani potestas quoad considerationem praeeminentiae, prioratus et principatus sit a deo per medium hominis et conciliorum, scilicet mediante consensu electivo.*

⁸ *De docta ignorantia*, L. II, cap. IV, 114, linhas 26-29: *Unde unitas absoluta ab omni pluralitate absoluta est. Sed contracta unitas, quae est unum universum, licet sit unum maximum, cum sit contractum, non est a pluralitate absolutum, licet <non> sit nisi unum maximum contractum.*

⁹ *De docta ignorantia*, L. I, cap. IV, 11, linhas 8-12: [...] *omnia enim, quaecumque sensu, ratione aut intellectu apprehenduntur, intra se et ad invicem taliter differunt, quod nulla est aequalitas praecisa inter illa. Excedit igitur maxima aequalitas, quae a nullo est alia aut diversa, omnem intellectum.*

¹⁰ *De coniecturis*, L. I, 2, *Prólogo*, linhas 6-12: *Hinc ipsam maximam humanitus inattingibilem scientiam dum actualis nostra nulla proportionem respectet, infirmae apprehensionis incertus casus a veritatis puritate positiones nostras veri subinfert coniecturas. Cognoscitur igitur inattingibilis veritatis unitas alteritate coniecturali atque ipsa alteritatis coniectura in simplicissima veritatis unitate. Clarius post haec huius notitiam intuebimur.*

Uma dessas investigações simbólicas concebidas para expressar intelectualmente a divindade em *DDI* é a “coincidência dos opostos” no *máximo absoluto*¹¹, que Cusa pretende retratar mediante figuras matemático-geométricas, como a da “linha infinita”¹². Essas, por sua vez, deveriam ser “transcendidas”, mediante uma “transsumpção” (*transumptio*) de suas formas geométricas, em direção de uma intuição intelectual do “infinito simples totalmente isento de qualquer figura” (NICOLAU DE CUSA, 2003, p. 25)¹³, isto é, em direção da experiência mística, propriamente dita¹⁴.

Mediante essa *nulla proportio*¹⁵ entre o finito conhecimento humano, que admite um “excedente” e um “excedido” e a infinitude absoluta que não os admite, o *PDI* cusano buscava viabilizar um novo prospecto para a filosofia e as ciências, bem como amparar a resolução das contendas de seu tempo, tornando possíveis a *concordância*¹⁶ política no interior de uma cristandade fragmentada e o ecumenismo inter-religioso sob o signo da admissão universal da inadequação essencial das “conjecturas”

¹¹ *De docta ignorantia*, L. I, cap. IV, 11, linhas 12-16: [...] *quare maximum absolute cum sit omne id, quod esse potest, est penitus in actu; et sicut non potest esse maius, eadem ratione nec minus, cum sit omne id, quod esse potest. Minimum autem est, quo minus esse non potest. Et quoniam maximum est huiusmodi, manifestum est minimum maximo coincidere.*

¹² *De docta ignorantia*, L. II, cap. II, 99, linhas 24-27.

¹³ *De docta ignorantia*, L. I, cap. XII, 33, linhas 17-23: [...] *si finitis uti pro exemplo voluerimus ad maximum simpliciter ascendendi, primo necesse est figuras mathematicas finitas considerare cum suis passionibus et rationibus, et ipsas rationes correspondenter ad infinitas tales figuras transferre, post haec tertio adhuc altius ipsas rationes infinitarum figurarum transsumere ad infinitum simplex absolutissimum etiam ab omni figura.*

¹⁴ Entende-se aqui, com André (1997) que: “[...] só um salto para além do intelecto pode levar o homem a mergulhar na fonte originária de sentido e, através dessa imersão, compreender incompreensivelmente a sua plenitude, ou seja, ver, sem ver, essa plenitude. Quer isto dizer que o intelecto não é a última etapa no processo ascendivo para a verdade. Nos limites do intelecto abre-se o espaço para a visão mística.” (ANDRÉ, 1997, p. 104).

¹⁵ *De docta ignorantia*, L. I, cap. III, 9, linhas 20-23: *Quoniam ex se manifestum est infiniti ad finitum proportionem non esse, est et ex hoc clarissimum, quod, ubi est reperire excedens et excessum, non deveniri ad maximum simpliciter, cum excedentia et excessa finita sint.*

¹⁶ *De concordantia catholica*, L. I, cap. I, 4, linhas 3-9: *Concordantia enim est id, ratione cuius ecclesia catholica in uno et in pluribus concordat, in uno domino et pluribus subditis. Et ab uno infinitae concordantiae rege pacifico fluit illa dulcis concordantialis harmonia spiritualis gradatim et seriatim in cuncta membra subiecta et unita, ut sit unus deus omnia in omnibus.*

humanas na compreensão do “Máximo Absoluto”, fundamento da “fé de todos os povos”¹⁷. No entanto, o projeto cusano não foi imune às críticas de contemporâneos, tais como a do escolástico João Wenck de Herrenberg. Wenck elaboraria trinta e sete (dez teses e vinte e sete corolários) suspeitas de heresia contra a *DDI* em seu opúsculo *A ignota literatura (De ignota litteratura - 1443*, doravante denominado *DIL*), dedicada ao abade João de Gelnhausen¹⁸, um amigo em comum de ambos.

Essas suspeitas podem ser visualizadas a partir das várias aplicações filosóficas do *PDI* cusano: na metafísica, Wenck o condenaria por supostamente levar à uma “coincidência de Deus e todas as coisas” *per essentiam*, associando a “*coincidentia oppositorum*” às teses panteístas condenadas dos Begardos e Mestre Eckhart¹⁹. No que se refere à lógica, aos olhos de Wenck, o *PDI* destruiria o “princípio da não-contradição” (doravante denominado “*PNC*”) e, portanto, toda a possibilidade de “ciência”²⁰. Na cosmologia, Wenck o acusaria de abandonar o “primeiro motor” e a “finitude do mundo”, teses que contradiziam “todo o conhecimento dos céus”²¹. No que se refere à aplicação ético-política do *PDI*, Wenck também visualizaria problemas que se apresentariam em relação à defesa da superioridade das

¹⁷ *De docta ignorantia*, L I, cap. II, 5, linhas: 10-15: *Et quoniam nihil sibi opponitur, secum simul coincidit minimum; quare et in omnibus; et quia absolutum, tunc est actu omne possibile esse, nihil a rebus contrahens, a quo omnia. Hoc maximum, quod et Deus omnium nationum fide indubie creditur, primo libello supra humanam rationem incomprehensibiliter inquirere eo duce, qui solus lucem inhabitat inaccessibilem, laborabo.*

¹⁸ João de Gelnhausen, Abade de Maulborn de 1433 a 1443 foi um dos membros do Concílio de Basileia, assim como João Wenck e Nicolau de Cusa. Wenck o conhece desde aquela oportunidade, onde Gelnhausen havia trabalhado pela causa conciliarista. Já em 1438, no entanto, Gelnhausen passa apoiar Eugênio IV (HAUBST, 1955, pp. 111-112), embora ele mantenha relações cordiais com os conciliaristas, como evidencia a troca de correspondências que mantém nos anos seguintes com conciliaristas como Wenck. Segundo Haubst, “é provável que o escrito *De ignota litteratura* não se destinasse a um público mais amplo” (HAUBST, 1955, p. 112. Trad. nossa). Sobre a troca de cartas com Wenck, ver também: ZIEBART, 2014, pp. 61 -63.

¹⁹ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 25, linhas 15-21. (HOPKINS, 1988, p. 103).

²⁰ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 21, linha 35 - 22, linhas 1-3. (HOPKINS, 1988, p. 99).

²¹ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 37, linhas 12-13. (HOPKINS, 1988, p. 114).

doutrinas cristãs perante às dos “infiéis” (*perfidos*)²², uma vez abandonado o *PNC*. E, como um conciliarista radical, veria implicações indesejadas na Ecclesiologia, como a condescendência com a hierarquia e a superioridade papal²³ em desabono da preeminência de uma democracia conciliarista. Em suma, Wenck se colocaria como um “defensor do escolasticismo” perante às francas inovações do programa filosófico cusano, fundado no *PDI*, em sua totalidade, tornando-se seu principal opositor em vida, sobretudo, na política.

Nicolau de Cusa, por sua vez, defendeu-se publicamente daqueles ataques na obra *Apologia à douta ignorância* (*Apologia doctae ignorantiae* - 1449, doravante denominada “*ADI*”) apenas sete anos mais tarde, logo após se tornar cardeal (1448). O motivo da demora de sua resposta é incerto (NICOLAI DE CUSA, 2017, p. 2516, nota 1). Segundo Haubst (1955, p. 100), Cusa não havia tomado ciência de *DIL* antes do ano de 1449 e, quando toma, compõe imediatamente o seu *Apologia*. Em oposição à tese haubstiana, Elpert (2002, pp. 118-119) considera ser muito difícil que Cusa não tivesse tido ciência do escrito de um importante professor da Universidade de Heidelberg, em razão de suas constantes viagens à Alemanha na qualidade de Legado Pontifício e de sua amizade com Gelnhausen. Nessa mesma linha de raciocínio, Kurt Flash (2002, p. 231) teoriza que Nicolau de Cusa, mesmo sabendo em algum momento daquelas acusações, tomaria o cuidado em respondê-las oficialmente somente depois de sua nomeação como Cardeal (1448), de modo a poder contar com o apoio do recém nomeado Papa Nicolau V, amigo humanista a quem Cusa se refere expressamente no curso do *ADI*.²⁴

Em *ADI*, retomando a fundamentação bíblica de suas doutrinas operada anteriormente no opúsculo *A busca de Deus* (*De quaerendo Deum*, 1445)²⁵

²² João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 21, linhas 31- 35. (HOPKINS, 1988, p. 99).

²³ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 40, linha 35- 41, linhas 1-2. (HOPKINS, 1988, p. 118).

²⁴ *Apologia doctae ignorantiae*, 6, linhas: 4.24-4.27.

²⁵ Esse opúsculo gira em torno do discurso de Paulo no Areópago sobre o “Deus desconhecido”. Cf. *De quaerendo deum*, 1, 18.

e se respaldando na autoridade de “Dionísio Areopagita”²⁶, Cusa buscava demarcar-se daquelas suspeitas de heresia de um modo bastante ousado. Mediante uma contra-acusação, questionaria a hermenêutica da “escola aristotélica”, designada por ele como “*secta aristotélica*”²⁷, representada por Wenck e, numa espécie de disputa entre “ortodoxias”, reaviva e legitima a hermenêutica “(neo)platônica” diante das leituras equivocadas ou mal-intencionadas, ainda incapazes de compreendê-la, colocando-a como um conhecimento eminente que deveria ser escondido aos “indoutos”²⁸. Segundo Haubst (1955, p. 103), a *ADI* obteve uma contra-resposta por parte de Wenck, no texto “*De facie scholae doctae ignorantiae*”. A informação sobre este escrito, que ainda permanece perdido, provém de uma nota marginal ao seu wenckiano *Comentário sobre a Hierarquia Celeste* (1452-53), escrito no fim da vida, em que Wenck rememora o debate e reclama das “ofensas inauditas” que lhes endereçou o autor da *ADI*.²⁹

O presente artigo tem por objetivo apresentar ao leitor de língua portuguesa um sintético, mas completo panorama deste debate renascentista alemão entre Nicolau de Cusa e João Wenck de Herrenberg, buscando, nesse percurso, tocar em alguns dos principais eventos de seu entorno, bem como em algumas de suas principais disputas teóricas. E, nesse objetivo, terá como percurso metodológico: i) em primeiro lugar, apresentar uma breve revisão das principais linhas de pesquisa acerca desse debate na literatura; e, ii) como conclusão, ponderar sobre possíveis novas abordagens ainda inexploradas sobre o mesmo.

²⁶ Conforme D’amico (2014, p. 85), Nicolau de Cusa acredita piamente ser o discípulo de Paulo, “Dionísio Areopagita”, o autor do *Corpus areopagiticum*, a quem nutria imensa estima.

²⁷ *Apologia doctae ignorantiae*, 7, linhas: 6.7-6.12.

²⁸ *Apologia doctae ignorantiae*, 7, linhas: 5.19-5.21, ss: *Si quis graviore prisci temporis sapientes attendit, comperit magno studio praecavisse, ne mystica ad indoctorum manus pervenirent.*

²⁹ *Folio 24r do Código Palatino 149*. A nota de Wenck apresenta o seguinte comentário: *Quam acceptionem ‘ignorantiae’ puto ignorasse eum, qui scripsit ‘De docta ignorantia’ libellos tres, quos improbavi per ‘Ignotam litteraturam’. Quam videns ille de De docta ignorantia fecit Apologiam maledicendo me nominatim blasphemis inauditis. Contra quam Apologiam scripsi libellum ‘De facie scholae doctae ignorantiae’, ut agnoscat, quam detrahat doctrinae omnium universitatum.* (WENCK *apud* HAUBST, 1955, p. 102).

1 O DEBATE CUSA-WENCK NA LITERATURA

1.1 A RECUPERAÇÃO DA FILOSOFIA DE WENCK

A “tradição científica contra o profeta de uma nova era” (RITTER, 1936, p. 434), é assim que o historiador alemão Gerhard Ritter descreveu o debate entre Nicolau de Cusa e João Wenck de Herrenberg³⁰ (“debate Cusa-Wenck”, doravante referido como *DCW*). A história dos estudos sobre o *DCW* começa com a primeira edição e tradução do opúsculo “*A ignota litteratura*” (*De ignota litteratura*, *DIL*, 1442-43³¹) de Wenck, seu

³⁰ Segundo Haubst (1999, pp. 841-847), Wenck nasceu em Herrenberg. Em 1424, como representante de Württemberg, participa de um sínodo diocesano em Constança. No final de 1426, torna-se *magister* em Paris e sacerdote da diocese de Speyer e se inscreveu na Universidade de Heidelberg. Seu professor, Nicolau de Jauer o indicou para ministrar o *Cursus biblicus* em Heidelberg, cujas palestras começaram em 29 de set. de 1427. Em 20 de dezembro de 1435, Wenck, agora professor de *Sacra Teologia*, foi eleito Reitor da Universidade de Heidelberg. Em 1436, dedicou a obra *O livro do ser* (Buchlin von der sein) ao conde Michael von Wertheim. Em 1441, torna-se docente de Teologia e vice-reitor da Universidade e, nessa época, começa a sua saga contra as heresias. Para combater o “erro dos boêmios”, e por causa da *Reformatio ecclesiae*, deu as boas-vindas ao Concílio de Basileia, em 1431. Da mesma forma, já em 1431, ele deu uma opinião crítica sobre a *vita abstracta* (vida isolada) de Eckhart (T, 35r). Após a ruptura entre o Papa e o Concílio (1439), ambas se intensificaram: a defesa do Concílio e, desde 1441, o combate a Mestre Eckhart e aos Begardos. A defesa do conciliarismo é evidente em suas observações sobre o debate entre Nicolau de Cusa e João de Segóvia no *Reichstag de Mainz* (1441), bem como em sua *Epistola in causa schismatis*, que clamava por uma resistência ativa contra o Papa, caso necessário. A sua “begardofobia” atinge o clímax em 1442, na rispida condenação da vida de “eremita” do Irmão do Abade João de Gelnhausen na “*Carta do eremita*”. Ao mesmo destinatário (provavelmente no verão de 1443) Wenck também endereça o opúsculo *De ignota litteratura*, com suas violentas polêmicas contra a obra *De docta ignorantia* de Nicolau de Cusa, a quem despreza como um “*doctus ignorans*” devido a seu “panteísmo”, atribuindo-lhe a alcunha de “pseudo-apóstolo” dos Begardos. Foi novamente eleito Reitor de Heidelberg em 19 de dezembro de 1444 e 23 de junho de 1451, pela segunda e terceira vez. Nesse momento, provou ser um suporte para a *Via Antiga* (*Via realistarum*), baseada em Tomás de Aquino e Alberto Magno. Sua atividade incansável de pregação encontrou sua expressão mais madura em *Memoriale divinatorum officiorum* (1445). E suas atividades didáticas culminaram em seu *Comentário sobre a Hierarquia Celeste de Dionísio*. Em comparação com *A ignota litteratura*, em seu *Comentário* há um repensar crítico de algumas doutrinas, como a Teologia negativa. Wenck morreu em Heidelberg, em 1460. Ritter o considera o mais importante teólogo da Universidade de Heidelberg de sua época (RITTER, 1936, p. 390).

³¹ Haubst (1955, pp. 99-100) data a obra *A ignota litteratura* a partir da morte do Abade João de Gelnhausen, a quem Wenck endereça esse escrito. Gelnhausen faleceu no verão

único escrito assinado³², por Vansteenberghé em 1910³³. Vansteenberghé, nesse momento, direciona sua atenção à caracterização da escola à qual Wenck pertenceria, tendo em vista a classificação dos “universalizantes” que aparece em *DIL*³⁴. Sua aposta é a de que Wenck faria parte da escola

de 1443, o que torna esta data a última possível para o escrito. A data limite mínima para a sua composição é a da *Carta* de Wenck sobre o irmão de Gelnhausen (“*Carta do eremita*”) datada de 26 de Março de 1442. Nessa última, a obra *A ignota literatura* não é mencionada, mas, ao contrário, pode-se compreender claramente que, em *A ignota literatura*, Wenck faz menção àquela *Carta*.

³² Cf. HAUBST, 1955, p. 83. As outras obras de Wenck identificadas por Haubst (1999, pp. 841–847) são: *Comentários sobre o Liber de causis* (1426), *Comentário sobre De hebdomadibus de Boethius* (1426) e *Comentário sobre o De anima III de Aristóteles* (1426). *Parva logicalia* (*Comentário sobre os tratados 6, 8, 9 das Summulae logicales de Petrus Hispanus*) (1429). *Principia para a leitura das Sentenças* (1431). *Resposta à Quaestio disputanda Utrum repletor orbis terrarum, Spiritus sanctus ... habitet corda fidelium sua ineffabili substancia aut tantummodo per suorum donorum collacionem gratuitam* (1431). Réplicas de objeções à resposta de Wenck à questão *Utrum persona Spiritus sancti potuit Apostolis in specie visibili mitti* (1432). *Das Büchlein von der Seele* (1436). *Utrum vis spirativa est Spiritui sancto a Patre et Filio uniformiter comunicata* (1437). *Notas e observações de um anônimo sobre a controvérsia entre Nicolau de Cusa e João de Segóvia no Reichstag de Mainz* (1441). *Epistola in causa schismatis* (1441). *Opinião crítica sobre a carta de Johannes de Francfordia, que se tornou um eremita* (1442). *De ignota litteratura* (1442-3). *Artificium memoriae (Imago symbolicae theologiae)* (1444). *Paradigmata ingeniorum artis (Praefatio e relato da palestra)*. Mainz, StB, cod. I 560, 317r-324v (o autógrafo de início). 285r-293r a em 7 cap. tratado estruturado *De consequentiis* (1445). *Memoriale divinatorum officiorum*. 136 *Sermones de tempore e de sanctis* (1445). *Sobre a oração de Jesus no Monte das Oliveiras*. *Sobre Pascha fiet* (Mt 26, 2), *Sobre a crucificação de Cristo* e *Sobre o Pai Nosso* (1452-53). *Comentário sobre A Hierarquia Celeste de Dionísio* (1452-53). Além do *Memoriale*, deve-se fazer referência aos aproximadamente 86 *Sermões*, do “Advento” em 1430 ao “dia da Ascensão”, de 1432. Além disso, houve um segundo *Sermão* em 1432 e um *Sermão* a cada ano, em 1434, 1436, 1437, em frente à Universidade. Um *Sermão sobre Dionísio Areopagita* (1457), mais dois *Sermões*: *Sobre o Natal* e *Sobre a Epifania* (1457-58), bem como vários discursos de Wenck em recomendações para licenciatura.

³³ VANSTEENBERGHE, Edmond. *Le “De ignota litteratura” de Jean Wenck de Herrenberg contre Nicolas de Cuse: texte inédit et étude. Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters*, Bd. XIII. Aschendorff: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung Münster Westf, 1910. Vansteenberghé realiza sua tradução a partir do manuscrito do Codex Mog. 190 da Biblioteca de Mainz e não conheceu o Codex 228/1467 da Biblioteca municipal de Trier, cujo texto serviu para a nova composição do texto de *DIL* por Hopkins em 1981. (HOPKINS, 1988, p. 77, nota 10).

³⁴ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 26, linhas: 31-35; 27, linhas:1-3: *Universalizantes ob simplicitatem universalis nature, quam ponunt in re, representant omnia essentialiter deificari in huiusmodi precisa abstractione, quod tamen et divinae repugnat simplicitati et compositionem realem Deo ex creaturis inducit, quod horrendum*

“nominalista”³⁵. Ritter (1922, pp. 53-54), por sua vez, contesta a posição de Vansteenberghe, interpretando aquela expressão wencckiana como uma crítica da “abstração da ideia de Deus enquanto um conceito geral vazio” (RITTER, 1922, p. 54. Trad. nossa), destacando o fato de que Wenck lutaria “pela ideia da personalidade de Deus e pela diferença absoluta entre o Criador e o criado” (RITTER, 1922, p. 54. Trad. nossa). Consequentemente, para Ritter (1922, p. 54), Wenck faria parte da “escola realista” (*via realistarum*), procedente de Tomás de Aquino.

Depois dessa primeira breve tentativa de recuperação do pensamento de Wenck por Vansteenberghe e Ritter a partir de *DIL*, coube a Rudolf Haubst (1955) realizar o primeiro grande estudo sistemático sobre o *DCW*³⁶. A partir do estudo dos manuscritos originais dos seis *Códices Vaticano-Palatinos* que reúnem os escritos de Wenck³⁷, mas não entrando propriamente nas respectivas discussões filosóficas³⁸, Haubst avalia quais

est dicere, cum illa aeterna et infinita perfectio quae Deus est non habet quo crescat aut decrescat. Nam sicut emanando non deficit, sic nec in recursu seu reductione creaturarum ad ipsum essentialiter superabundat. (HOPKINS, 1988, p. 104).

³⁵ Cf. VANSTEEBERGHE, 1910, p. 14.

³⁶ HAUBST, Rudolf. Studien zu Nikolaus von Kues und Johannes Wenck: aus handschriften der Vatikanischen Bibliothek. *Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters*, Bd. XXXVII. H. 1. Aschendorff: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung Münster Westf, 1955.

³⁷ No segundo capítulo, Haubst (1955, pp. 33-82) avalia os manuscritos dos seis *Códices Vaticano-Palatinos*, fazendo um levantamento dos escritos referentes a João Wenck que ali se encontram, tendo em vista lançar luz sobre alguns aspectos de sua personalidade. Em um primeiro momento (HAUBST, 1955, pp. 36-48), avalia os escritos do *Código Vaticano-Palatino 600 (Cod. Vat. Pal. 600)* que se encontrava na antiga biblioteca do Eleitorado do Palatinado de Heidelberg, buscando catalogar, primeiramente, 32 manuscritos de cunho político-eclesiástico que remetem ao ambiente político no qual se inseria Wenck. Em um segundo momento (HAUBST, 1955, pp. 48-55), Haubst cataloga e comenta os escritos político-eclesiásticos menores de sua autoria, ou seja, aqueles que não mencionam seu debate com Nicolau de Cusa. Na segunda parte deste segundo capítulo (HAUBST, 1955, pp. 69-82), apresenta os escritos de Wenck que são encontrados nos demais *Códices Vaticano-Palatinos*: *Questão sobre a cristologia (Cod. Vat. Pal. 370)* (HAUBST, 1955, pp. 69-73); ii); *Questão e Sermão (Cod. Vat. Pal. 438)* (HAUBST, 1955, pp. 73-74); iii) *Parva logicalia (Cod. Vat. Pal. 1768)* (HAUBST, 1955, p. 74); iv) *Memorial do divino ofício - Memoriale divinarum officiorum (Cod. Vat. Pal. 486)* (HAUBST, 1955, pp. 75-76); e, v) *Comentário à hierarquia celeste de Pseudo Dionísio (Cod. Vat. Pal. 149)* (HAUBST, 1955, pp. 77-82).

³⁸ Cf. (HAUBST, 1955, p. 99; p. 123.)

seriam os principais eventos históricos do *DCW* e a verdadeira motivação das acusações de *DIL*, tendo como ponto de partida as alegações da defesa de Nicolau de Cusa³⁹. Investiga, então, três possíveis motivos (HAUBST, 1955, p. 111): i) uma oposição passional, a qualquer custo, devido às suas posições político-eclesiásticas divergentes; ii) uma luta sistemática contra os “hereges”, isto é, a perseguição de Wenck aos Begardos e a Mestre Eckhart, que se projetava sobre Nicolau de Cusa; e, por fim, iii) o medo da “derrubada revolucionária dos fundamentos da escola tradicional de Filosofia e Teologia”, que o encaminha a uma crítica à “cientificidade” de *DDI*.

O primeiro motivo foi justamente aquele defendido por Nicolau de Cusa em *ADI* e, segundo a avaliação de Haubst, seria bastante plausível. A irritação de Wenck com Cusa teria início no *Reichtag de Mainz* (1441)⁴⁰, ocasião em que este último já representava o Papa Eugênio IV. O conciliarista Wenck relataria a defesa cusana do Papa⁴¹, descrevendo seu adversário como um “defensor desonesto do papalismo” e demonstrando um notável desprezo

³⁹ *Apologia doctae ignorantiae*, 6, linhas 4.26-5.9: *Sed adiecit se non putare, quod abbas ipse huic viro libellos obtulisset, sed potius alteri religioso, a quo ad istum pervenissent; adiungens abbatem in ea differentia, quae inter Apostolicam Sedem et Basiliensem congregationem per dietas agitabatur, partem veritatis Apostolicae Sedis sollicitasse, cui adversabatur iste Wenck. Ostendit autem mihi praeceptor verba adversarii in fine suae compilationis, ubi praeceptorem pseudo-apostolum nominat, ut viderem hominem ex passione locutum. Scis enim, amice optime, quod nemo cum tanta ferventia restitit Basiliensibus sicut praeceptor noster. Hinc ille Wenck, qui ab universis doctoribus Heidelbergensis studii abierat et partem dampnatam Basiliensium sumpsit, in qua fortassis pertinaciter persistit, veritatis defensorem pseudo-apostolum nominare non erubuit.*

⁴⁰ O Concílio de Basiléia havia solicitado a proibição da participação de Cusa como “traidor do Concílio”, mediante a *Carta do Concílio de Basiléia à Dieta de Mainz* de 9 de Agosto de 1439. Essa requisição é rejeitada. (HAUBST, 1955, p. 112, nota 11).

⁴¹ Essas notas foram arquivadas com o título de “*Notas e comentários de um Anônimo*” sobre os eventos de Mainz de 27 a 29 de Março de 1441 (RTA XV n. 345) e demonstram claramente, segundo Haubst, a posição conciliarista de Wenck devido às suas considerações agressivas contra os defensores do Papa Eugênio IV. Dentre as mesmas, estão as anotações marginais de Wenck: “Ó inocência!” (*O versutiam*) ao lado da transcrição da defesa de Nicolau de Cusa e a descrição desproporcional de João de Segóvia como “*Johannes de Segobia Salamantini studii in Hispania*” em relação a seu oponente: “*de Cusa, baccalareus in artibus*”, a classificação acadêmica mais baixa de sua época. Cusa era, no entanto, um *decretorum doctor*, famoso desde 1433, ano da composição de seu livro *De concordantia catholica*. Cf. (HAUBST, 1955, p. 98).

em sua descrição de Cusa como um “*baccalareus in artibus*”⁴². Esse ódio só aumenta quando novamente se encontram no *Reichtag de Frankfurt* (1442) e Cusa já é considerado “o maior adversário do Concílio de Basiléia em solo alemão” (HAUBST, 1955, p. 111. Tradução nossa). Em *DIL*, portanto, Wenck intentaria atrair o respeitável abade João de Gelnhausen para sua posição política, buscando difamar o autor “papalista” de *DDI* como “um charlatão amante das sensações” e “ignorante em teologia”, demonstrando-lhe o perigo de uma associação aos Begardos e a Mestre Eckhart que a aceitação das teses cusanas acarretaria.⁴³

O segundo motivo, o da “heresiofobia” (*Ketzterriechelei*), revela peculiaridades históricas como as disputas teológicas entre acadêmicos e ordens mendicantes que, nessa época, desvinculavam-se do seio da Igreja em busca de uma nova espiritualidade. Haubst chama a atenção para uma prévia correspondência entre Wenck e Gelnhausen a respeito do irmão deste último, que abandona um cargo no Império para juntar-se aos irmãos mendicantes (*waltbruders*) sob influência do ideal eckhartiano de uma “vida despreendida” (*abgescheiden leben*)⁴⁴. Wenck lhe endereça

⁴² Cf. *Códice Vaticano-Palatino 600*, fol. 76v. (HAUBST, 1955, p. 111, nota 3).

⁴³ Para todas essas considerações, ver: HAUBST, 1955, pp. 111-112.

⁴⁴ Cf. HAUBST, 1955, pp. 114-115. Segundo Haubst, a primeira parte da “*Carta do eremita*” (*Cod. Mog. 190*, 150v, 19) está sob o título “vida despreendida” (*abgescheiden Leben*) e é “distribuída ordenadamente” em 17 proposições. “O irmão de Gelnhausen não queria aderir a nenhuma das ordens aprovadas pelo Papa e aprovadas pelo Imperador, mas sim tornar-se um “irmão mendicante” (*Waltbruder*) porque se sentia atraído por Deus (sentenças 1-3 e 14). Como um “imitador de Cristo”, ele gostaria de se libertar de todos os seus desejos e de todas as coisas terrenas, em alemão (*vulgariter*), “ser solteiro” (*ledigsein*) para “morrer diariamente” (*täglich zu sterben*) (sentença 4 e 6). Como isso não é possível no meio das pessoas e no mundo (sentença 7), ele pede a seus amigos que não o impeçam de executar seu plano (sentenças 10 e 17), mas que orem por ele (sentenças 5 e 17) e recomendá-lo em oração a outros “bem vividos” (sentença 16). O fato de todos os cientistas (*scientifici*) o insultarem só pode ajudá-lo em seu caminho (frase 15). Porque o mesmo quer se humilhar e “entrar em si mesmo”, “no homem interior”. E isso o reputa no lugar de onde veio (sentença 12f). E faz tudo isso com convicção: “Se eu não me aventurar, ousar e buscar a Cristo, nosso Senhor, nunca chegarei onde Deus gostaria que eu fosse (sentença 11)” (HAUBST, 1955, p. 115. Tradução nossa). Nessas sentenças, Haubst considera claro o espírito do “ascetismo eckhartiano” que é sublinhado pelo título, “Vida despreendida”, adicionado de Wenck. Os significados das expressões “vida despreendida”, “ser solteiro” e, assim por diante, “morrer”, “humildade”, “entrar no homem interior” e “seguir Cristo” depreendem-se da doutrina de Eckhart.

uma *Carta (do eremita)* criticando duramente essa atitude, organizada em dezessete proposições e respostas. Segundo Haubst (1955, p. 116), dentre as principais críticas wenckianas, estão o fato de que a “vida desprendida” seria “arrogante” ao “desprezar as *Escrituras* e somente confiar na própria opinião”. O que seria, ao invés de desprendimento, uma espécie de “absolutização do apego ao corpo” e uma “rejeição ao sacramento do *Corpus Christi*” e a toda liturgia eclesiástica onde os “remédios de Cristo” seriam desprezados, pois este último ordena: “Crê no Evangelho!”. A “vida desprendida”, concluía Wenck em tom sarcástico: “já pode ser descrita como separada de Deus e da Igreja e, também, da Natureza”⁴⁵.

Haubst (1955, p. 117) destaca que, como um crítico acadêmico de Eckhart e dos Begardos, entendidos como “panteístas-quietistas”, Wenck se colocaria ao lado de outros professores contemporâneos na causa “anti-herética”, como João de Leuven, Ruusbroec, João Gerson, Felix Hammerlin e os dois professores de Teologia de Heidelberg: João de Francoforte e Nicolau Magno de Jawor. Essa mesma crítica, *ipsis litteris*, reaparece, de fato, contra a figura de Nicolau de Cusa em *DIL*, sendo a ele transferida sob o plano especulativo, de modo a manter aquela mesma estrutura de “conclusões e corolários”. Em sua crítica central contra a *DDI* cusana, o preconceito contra um “panteísmo niilista”⁴⁶ é evidente desde sua primeira *conclusio*: *omnia cum deo concindunt*⁴⁷. A definição do conhecimento segundo os princípios da “douta ignorância” cusana, extremamente desvinculado do mundo sensível, associado por Wenck à “vida desprendida” eckhartiana, seria “um veneno para a ciência e a moralidade, através do qual se extinguem o uso dos sentidos e o louvor a Deus”⁴⁸. Mediante essa “pura abstração”, Cusa, acompanhando Eckhart, abandonaria até a figura

⁴⁵ Para toda essa passagem, ver: HAUBST, 1955, p. 116.

⁴⁶ Segundo Haubst (1955, p. 120, nota 30), o panteísmo atribuído a Nicolau de Cusa por Wenck é entendido niilisticamente: “*Omnia deificat, omnia annihilat, et annihilationem ponit deificationem*”. (Corolário 3 da *Conclusio* 6).

⁴⁷ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 24, 19. (HOPKINS, 1988, p. 102).

⁴⁸ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 31, linhas 22-25: *Ex quibus liquet, quantam venenositatem scientiae et morum induxerit abstractissima illa intelligentia, nuncupata docta ignorantia, vulgariter, ‘abgescheiden leben’, in qua sensuum est evanescentia et postposita [...]*. (HOPKINS, 1988, p. 109).

da Trindade⁴⁹. E, assim como os Begardos, acreditaria que a visão de Deus, reservada para a “vida futura”, seria alcançada neste mundo⁵⁰. Nesse sentido, para Wenck, Cusa “cai em suas vaidades e fantasias” e “valoriza o caminho da irracionalidade com ares hipócritas, sem saber de sua loucura”, conforme a palavra de *Romanos* (1: 21)⁵¹.

E, por fim, o terceiro motivo para as acusações de Wenck destacado por Haubst seria o questionamento da “cientificidade” do *PDI* cusano, que destruiria os alicerces do edifício da ciência acadêmica aristotélica. Em primeiro lugar, na ótica de Wenck, Cusa abandonaria o único modo de conhecimento possível à natureza humana conforme as *Escrituras*: o conhecimento mediante a imagem⁵². Wenck fundamenta seus ataques

⁴⁹ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 25, linhas 11-14. *Sed secundum quod ipse Deus est unus et simplex et sine modo et proprietate, secundum quod nec est Pater, nec Filius, nec Spiritus Sanctus, sic potest ipse intrare in illud unum quod voco castellum.* (HOPKINS, 1988, pp. 102-103).

⁵⁰ Na condenação dos Begardos e Beguinas pelo Concílio de Viena, em 1311-1312, em sua *proposição 4*, lê-se a tese condenada de que: “uma pessoa pode obter nesta vida a bem-aventurança final em cada grau de perfeição que obterá na vida bem-aventurada” (TANNER, 1990, s/p. Trad. nossa). No entanto, o decreto de Benedito XII, *Benedictus Deus*, de Janeiro de 1336, definiu como dogma a “visão beatífica dos santos antes do juízo final universal” (*Pontificia definitio dogmatis de visione beatifica Sanctorum ante iudicium universale in caelo fruendum*). Ver: TAUTU, Aloysius L. PAUS, *Benedictus. Acta Benedicti XII (1334-1342)*, vol. VIII. Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1958. pp. 10-13. Nicolau de Cusa parece defender-se da acusação de Wenck a partir da consideração desse decreto papal, uma vez que, em *ADI*, constata que: “É isso que li, mas concordam com isso todos os santos que observaram a infinita simplicidade de Deus”. Cf. *Apologia doctae ignorantiae*, 33, linhas 23.13-23.14: *et in hoc concordant omnes sancti, qui ad infinitam Dei simplicitatem respexerunt*. Essa mesma consideração já aparecia no opúsculo *De quaerendo deum* (1445): “Nenhuma outra é a tradição transmitida pelos santos profetas e por aqueles que receberam a graça da luz divina nesta vida”. Cf. *De quaerendo deum*, III, 41, linhas 7-10: *Neque alia est sanctorum prophetarum aut eorum, qui gratiam luminis divini in hac vita sortiti sunt, traditio, quam quod accedere volens ad vitam intellectualem et divinam sapientiam immortalem*.

⁵¹ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 20, linhas 6-7: *Evanuerunt in cogitationibus suis, et obscuratum est insipiens cor eorum.* (HOPKINS, 1988, p. 98).

⁵² Haubst avalia que, nessa questão, Wenck passa de uma posição inicial albertista, que considera a possibilidade do conhecimento desprovido de “phantasmas”, para uma posição tomista em *DIL*, que não considera possível o conhecimento fora da imagem e isso se daria pelo fato de que Wenck considerar a solução albertista como “uma decisão epistemológica preliminar para a vida desprendida eckhardiana-begardiana” (HAUBST, 1955, p. 124, trad. nossa). Segundo Haubst (1955, pp. 87-88), no *Comentário ao De anima*

principalmente em um suposto desprezo cusano pelas *Escrituras*⁵³ e na adoção vaidosa de uma “ciência inflada” e é apenas um sofista perigoso, dono de uma falsa aparência de erudição e uma “cientificidade fingida”, que malversa a lógica a fim de enganar. Suas conclusões principais seriam estabelecidas através de “provas inconclusivas” e de “conclusões falsas que derivam de suposições falsas”. A doutrina da “coincidência dos opostos-contraditórios”, aos olhos de Wenck, levaria à plena indistinção entre Deus e as criaturas e ao fim de toda a ciência possível. Afinal, como poderia essa “ignorância” ensinar?⁵⁴

A conclusão do *Studien* de Haubst (1955, pp. 130-136) é a de que Wenck, através de uma retórica “afeto-polêmica” (*pathetisch-polemischer*), demonstra não ter aquela própria científicidade exigida de seu adversário,

III, João Wenck lida com a *quaestio*: “*utrum sine phantasmate contingat nos intelligere?*” (Trac. 3, q. 2 - Cod. Mog. 610, 82r-83r). Ele comenta um resultado que corresponde exatamente à tese de Heimerico de Campo, em seu *Liber problematicus* (Problema 13). Depois que o *intellectus possibilis* foi acionado ou “habituaado”, através do conhecimento intelectual que é obtido das imagens à luz do *intellectus agens*, ele não precisa mais de imagens para conhecimento posterior, assim como alguém não precisa mais da escada depois da subida. Ele tenta harmonizar o ensino de Aristóteles com essa tese albertista (Trac. 3, q. 2. *Sed contra* e *concl.* 1. Fol. 82v). Wenck considera que Aristóteles significa com a frase *Nihil contingit sine phantasmate intelligere* (*De anima* III, 7, 431 a 17) apenas o conhecimento da física e da matemática ligado à quantidade; quanto ao conhecimento sobre o imaterial, ele deixa a questão em aberto. Assim, concorda com Alberto Magno (1ª cit. Tr. 3 c.6, B.V 378) e Heymerico (1ª cit.). Segundo Haubst, um “vento completamente diferente” sopra em *DIL*: “É uma contradição”, assim diz, que, na vida terrena (*in via*), há uma cognição “sem imagem, ou *phantasma*” acessível ao ser humano; pois isso é tão impossível quanto os olhos serem capazes de ver sem a luz e a cor (Vansteenberghe, *DIL*, 21). Essas palavras iam contra o fato de que Cusa se esforça numa transcendência (*transsumptio*) de todo o figurativo e pictórico. Wenck, nisso, concorda com a interpretação tomista de Aristóteles (Cf. Tomás de Aquino. *In Arist. libr. De Anima* III, 3 (429 a 4), lect. 6, n. 668 (l. cit. p. 162); *ib.* In III, 7 (431 a 14 ss.), lect. 12, n. 770-772 (l. cit. p. 183); In III, 8, lect. 13 n. 791 s (l. cit. 187); *S. theol.* I, q. 84 a 7. E enfatiza as palavras de Aristóteles a Cusa: *Ergo nec sine phantasmate contingit nos intelligere* (*De anima*, III, 7, 431 a 17; *DIL*, 21).

⁵³ Segundo Haubst (1955, p. 125), as mesmas passagens utilizadas nesta acusação contra Cusa em *DIL* foram utilizadas pelo próprio Wenck em um escrito anterior contra os Begardos: (Jo. 5:21): “Pesquisem as escrituras!”. (Mt. 22: 2): “Não conhece as Escrituras e o poder de Deus”; (Ecl. 23: 3): “Aqueles que a elucidam terão vida eterna”.

⁵⁴ João Wenck de Herrenberg. *De ignota litteratura*, 31, linhas 1-2: *Rogo quomodo ignorantia docet, cum docere sic actus doctrinae positivus?* (HOPKINS, 1988, p. 98).

o que permitiria Cusa denominá-lo, simplesmente, de “falsário”⁵⁵. Desse modo, Haubst considera que a pretensa “defesa da cientificidade” não poderia ser considerada o principal motor das críticas, pois Wenck poderia ter se dedicado a apresentar “academicamente” as teses cusanas. Com efeito, contra a filosofia de Nicolau de Cusa - destacada do debate acadêmico entre *via antiqua* e *via moderna*⁵⁶ -, Wenck se apresenta como o defensor de um tradicionalismo da *via antiqua*. Cusa, por sua vez, apesar de fortemente enraizado na tradição, propõe algo novo, sem enquadrar-se completamente naquelas escolas, a fim de abrangê-las de modo ecumênico. Os motivos alegados por Nicolau de Cusa em *ADI*⁵⁷ estariam, portanto, corretos: aquele “incômodo científico” apenas adornava uma disputa político-eclesiástica pessoal, que também incluía o combate acadêmico às dissidências. E, desse modo, as colocações de Vansteenbergh (1910, p. 3) e Ritter (1936, p. 433) de que os preconceitos de Wenck tinham apenas um significado mínimo para a compreensão do *DCW* e que o mesmo poderia ser explicado apenas por uma discussão real e filosófica deveriam ser repensadas⁵⁸. Haubst ainda escreveria um artigo defendendo o caráter albertista dos primeiros escritos de Wenck⁵⁹, em contraposição à ênfase na posição “tomista” apresentada por Ritter (1936, p. 425) e também um estudo posterior⁶⁰ em que apresenta

⁵⁵ *Apologia doctae ignorantiae*, 45, linhas 31.2-32.5: *Ad quae ego concitatissimus adieci: «Eat nunc mendax truncator librorum et abscondat se. Non enim est dignus luce, qui in lucem offendit, quod censeo esse peccatum in Spiritum sanctum.» Et cum cursim sequentia legerem, ostendit mihi praeceptor, quomodo adversarius usus est falsitate et truncatione et mendacio atque perversa interpretatione in omnibus, quae sequuntur.*

⁵⁶ Cf. HAUBST, 1955, p. 134, nota 33. Para um debate amplo e esclarecedor sobre as escolas de pensamento do Século XV, ver: HOENEN, Maarten, J. F. M. *Via antiqua and via moderna in the fifteenth century: doctrinal, institutional, and church political factors in the Wegestreit*. In: R.L. Friedman and L. O. Nielsen (eds.). *The medieval heritage in early modern metaphysics and modal theory, 1400-1700*, pp. 9-36. Kluwer Academic Publisher, 2003.

⁵⁷ *Apologia doctae ignorantiae*, 6, linhas 5.6-5.9: *Ostendit autem mihi praeceptor verba adversarii in fine suae compilationis, ubi praeceptorem pseudo-apostolum nominat, ut viderem hominem ex passione locutum.*

⁵⁸ Cf. HAUBST, 1955, p. 110, nota 1.

⁵⁹ HAUBST, Rudolf. *Johannes Wenck aus Herrenberg als Albertist. Recherches de théologie ancienne et médiévale*, v. 18, p. 308-323, 1951.

⁶⁰ HAUBST, Rudolf. *Nikolaus von Kues und Johannes Wenck. Neue Erörterungen*

novas descobertas e considerações sobre o *DCW*. E, talvez a imagem mais surpreendente trazida pelo *Studien* de Haubst seria a de um Wenck que, no fim da vida, em seu *Comentário sobre a Hierarquia Celeste de Dionísio* (1452-53), suspenderia as acusações de “panteísmo” contra Cusa, abandonaria a aceitação inequívoca da autoridade de Aristóteles e se aproximaria de posições neoplatônicas que ele próprio criticava em *DIL*, de modo que:

[...] Wenck aceita explicitamente a regra areopagítica: ‘*Negationes in divinis sunt convenientes, affirmationes vero incompactae*’. A essa passagem e seu contexto em Dionísio ele também dedica uma explicação doutrinária muito bela (21r 6-21 v; 24), em que descreve o conceito de Deus acima do que os sinais (*zeichen*) expressam e que aquilo que reconhecemos por ‘semelhanças’ (*ähnliches*) e ‘diferenças’ (*unähnliches*) aumentam cada vez mais em relação ao Deus *ineffabilis, invisibilis* e *incomprehensibilis*. (HAUBST, 1955, p. 104. Trad. nossa).⁶¹

O próximo estudo de grande relevância sobre o *DCW* é o de Kuhnekath (1975)⁶². Tendo como ponto de partida os pontos não totalmente desenvolvidos do “*Studien*” de Haubst, Kuhnekath (1975, p. XIII) propõe uma reconstrução temporal abrangente da filosofia de Wenck a partir da análise textual dos escritos catalogados por seu predecessor, avaliando a sua tese de um “desenvolvimento” do pensamento wenckiano, desde sua fase

und Nachträge. In: *Römische Quartalschrift für christliche Altertumskunde und Kirchengeschichte*. Bd. 53 H. 1/2 (1958). pp. 81-88. A presente investigação não obteve acesso a esse artigo.

⁶¹ Segundo Haubst (1955, pp. 104-105), essa mudança de pensamento de Wenck para uma posição neoplatônica poderia ser explicada por uma tendência da época. Haubst, porém, coloca que também há a possibilidade de Wenck ter estudado os *Comentários* de Erígena, Hugo de São Victor e Roberto Grosseteste à obra do Areopagita, seguindo o conselho do próprio Nicolau de Cusa, em: *Apologia doctae ignorantiae*, 30, linhas 20.21-20.27: *Sed si se gratiam assequi sperat, ut de caecitate ad lumen transferatur, legat cum intellectu Mysticam theologiam iam dictam, Maximum monachum, Hugonem de Sancto Victore, Robertum Lincolniensem, Iohannem Scotigenam, abbatem Vercellensem et ceteros moderniores commentatores illius libelli; et indubie se hactenus caecum fuisse reperiet.*

⁶² KUHNEKATH, Klaus Dieter. *Die Philosophie des Johannes Wenck von Herrenberg im Vergleich zu den Lehren des Nikolaus von Kues*. Inaugural Dissertation zur Erlangung des Doktorgrades der Philosophischen Fakultät der Universität zu Köln. Köln. 1975.

inicial, nos *Comentários Filosóficos*⁶³, passando por uma fase intermediária, em *DIL* e chegando na fase final, a do *Comentário à Hierarquia Celeste*. Em um primeiro momento, busca dirimir as dúvidas a respeito das imagens divergentes, construídas por Ritter (de uma tendência tomista preponderante em Wenck) e Haubst (uma mudança do seu pensamento de um albertismo inicial para o tomismo e, por fim, para o neoplatonismo) tentando demonstrar em quais pontos o pensamento de Wenck realmente mudou ao longo dos textos e quais aspectos foram preservados. Kuhnekath (1975, pp. 15-95) reconfigura as principais doutrinas do pensamento de Wenck sob três tópicos principais: a psicologia, a teoria do conhecimento e a metafísica. Em um segundo momento, Kuhnekath (1975, pp. 102-234) procura desenvolver o trabalho de comparação entre os “quadros estruturais” (*strukturellen Rahmen*) das filosofias de Wenck e de Cusa, tema não desenvolvido por Haubst, buscando fixar as semelhanças e dessemelhanças entre ambas, onde o *DCW* possui facticidade histórica já comprovada⁶⁴. Nesse estudo, o autor desenvolve de modo inicial o primeiro quadro comparativo entre os principais textos do *DCW*, de modo a abranger, ainda que não exaustivamente, todas as áreas da filosofia envolvidas.

Na síntese da primeira parte de seu estudo, onde Kuhnekath (1975, pp. 96-101) avalia os três temas centrais do pensamento de Wenck, lê-se algumas considerações importantes. Para Kuhnekath (1975, p. 96), a noção de ciência wenckiana seria a de uma “ciência empírica que procede daquilo que nos é acessível a partir da experiência” e, nesse sentido, conhece-se a Deus “apenas na medida em que o conceito de causalidade permite” (KUHNEKATH, 1975, p. 96. trad. nossa). A respeito da psicologia wenckiana, Kuhnekath considera que, assim como em Alberto Magno, há uma “união entre duas concepções de alma, a platônica e a aristotélica” (KUHNEKATH, 1975, p. 96. trad. nossa) e concorda com Haubst que,

⁶³ MS. 610 da Biblioteca da Cidade de Mainz. *Comentário sobre o Liber de hebdomadibus* (folhas 46r-71r), *Comentário sobre o De anima III* (folhas 72r-84r) e *Comentário sobre o Liber de Causis* (folhas 2r-38r).

⁶⁴ “Em *De docta ignorantia*, *De ignota litteratura*, *Apologia doctae ignorantiae* e *De facie scolae doctae ignorantiae* - na medida em que os vestígios desta segunda escrita anti-cusana podem ser encontrados no *Comentário sobre a Hierarquia Celeste*” (KUHNEKATH, 1975, p. XI)

inicialmente, Wenck defendeu uma tese albertista contra nominalistas e tomistas, especificamente neste aspecto: a de que “o conhecimento espiritual pode se desprender do *phantasma* e torná-lo independente dele” (HAUBST *apud* KUHNEKATH, p. 96, trad. nossa). No entanto, a posição de Haubst (1955) de que esse “albertismo” de Wenck foi particularmente moldado pela “adoção da doutrina árabe da iluminação”, na leitura de Kuhnekath (1975, p. 97), não pode ser confirmada. Nesse sentido, a distinção wenckiana entre um *intellectus possibilis* e um *intellectus agens* ocorreria tão somente dentro do quadro da interpretação cristã de Aristóteles, segundo a qual, “a comparação aristotélica do *intellectus agens* com a luz não tem necessariamente de conduzir a uma transcendência do intelecto ativo, como fizeram os árabes na esteira da reivindicação de Alexandre de Afrodísias” (KUHNEKATH, 1975, p. 97). Nos *Comentários Filosóficos* acadêmicos, Wenck apresentaria uma “metafísica da luz” semelhante àquela defendida por Alberto Magno no *Livro I* de *De causis et processu universitatis*. Porém, Kuhnekath (1975, p. 97) questiona a tese de que o pensamento de Wenck poderia ser considerado um “albertismo” propriamente dito que se reorienta para a tradição tomista e conclui o mesmo sempre defendeu a “teoria aristotélica da abstração” desde a primeira fase de seus escritos, a dos *Comentários filosóficos*. E, ao contrário da tese de uma “evolução”, esse aristotelismo “tomista” se perpetua tanto em *DIL* como no *Comentário sobre a Hierarquia Celeste*, contra uma cognição que renuncia a *tudo* o que é pictórico. Isso revela que:

[...] a controvérsia Albertista-Tomista sobre a questão: “se o entendimento sempre precisa de fantasmas ou se há também uma cognição espiritual *sine reflexione ad phantasmata*” é levantada no texto *De imagine et similitudine contra Eghardicos* de Wenck, em 1430, e apoiada pelas mesmas autoridades de 1455, onde a demanda pela necessidade de figuras simbólicas permanece inalterada. Uma vez que o *Comentário sobre o Liber de Causis* também estabelece como regra que o conhecimento procede do pictórico, justificam-se as dúvidas sobre a tese de que há realmente um desenvolvimento interno na teoria de Wenck. (KUHNEKATH, 1975, p. 98. Trad. nossa).

Em outras palavras, segundo Kuhnekath a filiação de Cusa à uma direção albertista específica não o impediu de escrever sobre Tomás de Aquino e “é importante notar que aquela ‘virada para Tomás’ descrita por Haubst não difere no período albertista” (KUHNEKATH, 1975, p. 100. Trad. nossa).

1.2 O *DCW* COMO UM RETRATO DO RENASCIMENTO

Destacando-se dessas discussões iniciais realizadas por estudos alemães focados na reconstrução da filosofia de Wenck, o estudo de Kurt Flasch⁶⁵ foi o primeiro a considerar a amplitude e importância do *DCW* enquanto um “retrato epocal” da metade do século XV. Flasch (2002, pp. 229-230), no percurso de análise de diversos períodos da filosofia medieval, apresenta o *DCW* constituído, por um lado, das disputas tarde-escolásticas “estéreis” entre as diferentes escolas (albertismo, tomismo, scotismo e ockhamismo) sobre a correta interpretação de Aristóteles, ambiente em que Wenck se inseria, e, por outro lado, da influência da “política cultural humanista” papal, que buscava reaver seu prestígio, de modo a reunir na Cúria Romana algumas das mentes mais brilhantes desse período, tendo em vista um projeto de unificação com a Igreja oriental, ambiente que atraiu o jovem Nicolau de Cusa.

Flasch destaca que Wenck faz a defesa de uma concepção de mundo em decadência frente às necessidades de renovação eminentes da época. Nesse sentido, sua crítica a Cusa “nada teve de ingênuo” (FLASCH, 2002, p. 234). A imagem que definiria a leitura de Flasch sobre o *DCW* é aquela do “saber” consolidado (escolástico) posto em cheque pelo “*pathos*” do “não-saber” cusano, que demonstrava emancipar-se da filosofia de Aristóteles propondo uma renovada visão do mundo. A partir de uma suposta crítica à heresia panteística cusana, Wenck buscava desqualificar justamente o pilar daquela nova filosofia, o *PDI*, isto é, aquilo que ameaçava o coração das doutrinas aristotélicas, como sua concepção de “saber” enquanto “o

⁶⁵ FLASCH, Kurt. Sapere o sapere di non sapere. Johannes Wenck contro Niccolo Cusano. *Introduzione alla filosofia medievale*. Traduzione di Marco Cassisa. Prefazione di Maria Bettetini. Piccola biblioteca Einaudi. Filosofia, 154. Torino: Einaudi, 2002.

enquadrar dos fenômenos singulares dentro de um esquema definitório de gêneros e espécies” (FLASCH, 2002, p. 232. Trad. nossa). Essa crítica à concepção cusana de conhecimento se fundamentava sobremaneira no “*horror ao infinito*” aristotélico (Cf. FLASCH, 2002, p. 233). Uma vez que o *PDI* determinava que “não se pode encontrar duas ou mais coisas tão semelhantes e iguais que não se possa dar outras ainda mais semelhantes, ao infinito”, o pensamento cusano, na visão de Wenck, “eliminava a distinção entre as coisas segundo sua categoria” (FLASCH, 2002, p. 233)⁶⁶, o que implicava a destruição daquele saber acadêmico constituído. O “saber do não saber” cusano, na visão de Flasch (2002, p. 233), criava uma abertura para os infinitos graus de coisas e sua multiplicidade individual, destruição necessária para um novo pensamento que lidava de forma mais complexa frente à uma “abstrata sabedoria aristotélica da essência, que por sua vez, em última análise, repousava numa ingênua fé na capacidade dos nomes em atingir a realidade” (FLASCH, 2002, p. 234). O estudo de Flasch também tem o mérito de ressaltar as inovações de uma ontologia cusana da relação em contraposição à ontologia aristotélica da substância:

Se tudo estivesse em tudo, a definição dos aristotélicos que servia para impor um nome às coisas era bem pouco útil para o conhecimento do mundo; antes, impedia de determinar em sentido quantitativo a relação real entre as coisas, profundamente interrelacionadas e de indagar-lhes a interdependência. (...). Ora, de fato o saber se relacionava à totalidade dos indivíduos, à relação de compenetração entre as coisas e à complexidade da inter-relação: tratava-se de um campo infinito. (FLASCH, 2002, p. 236. Trad. nossa).

A exclusão aristotélica do individual e do infinito seriam, na ótica cusana, “pronunciamentos da racionalidade e não da realidade mesma” (FLASCH, 2002, p. 239), motivo que leva Cusa a separar razão (*ratio*) e intelecto (*intellectus*), subordinando o primeiro ao segundo, e considerar a ignorância perpétua da racionalidade frente à infinidade divina. Wenck

⁶⁶ Cf. João Wenck de Herrenberg, *De ignota litteratura*, 28, linhas 1-2: *Detruit (...) distictionem entium in proprio genere*. (HOPKINS, 1988, p. 105).

traçaria uma imagem distorcida dessa consideração cusana, atribuindo-lhe a inferência de que Deus *poderia ser conhecido na coincidência dos opostos intelectualmente*. Desse modo, o mesmo seria inatacável, anti-científico e, ainda, panteístico e herege, levando ao fim da “rainha das ciências”, a “teologia racional” (Cf. FLASCH, 2002, p. 239). Em suma, o projeto cusano, mediante um retorno à uma dialética socrática, permitiria uma abertura intelectual ao novo e uma “reforma concreta da ciência” (FLASCH, 2002, p. 246) que se desprenderia do dogmatismo e abriria a possibilidade de uma nova leitura do “livro da natureza”. Dessa forma, dialeticamente, abria-se a possibilidade do estudo de diversas doutrinas então consideradas heréticas e censuradas nas academias:

Todos aqueles pensadores medievais suspeitos de heresia deveriam reconquistar direito de cidadania na nova cultura filosófica. Isso pressupunha que fosse rompido o julgo do aristotelismo escolástico e que fosse passado o tempo da condenação dos filósofos de inspiração neoplatonizante. Um novo início, um renascimento, portanto, não um retorno ao neoplatonismo: a nova filosofia do cusano deveria ser tudo isso. (FLASCH, 2002, p. 241. Trad. nossa).

Essa abertura intelectual do projeto filosófico cusano seria capaz de superar a monótona ciência aristotélica fundamentada na “classificação em gêneros e espécies”, de modo a permitir uma valorização do saber individual e do espírito crítico erigido sobre uma “infinita capacidade de desenvolvimento do pensamento humano” (FLASCH, 2002, p. 246). Essa abertura, além de científica, era uma libertação religiosa a novos domínios da consciência humana, como a “intuição intelectual” e à “experiência direta do divino”, não mais fundamentada somente no “estudo das autoridades” (FLASCH, 2002, p. 246).

1.3 O DCW A PARTIR DO PRISMA DA HERESIOLOGIA

Na mesma linha historiográfica de Flasch (2002), aprofundando os temas dessa “recuperação dos hereges” e da “defesa do neoplatonismo”,

encontram-se, por exemplo, estudos como os de Hans G. Senger (2001)⁶⁷ sobre o *PDI* cusano e os trabalhos de Dermot Moran (1990)⁶⁸, Louis Dupré (2006)⁶⁹ e Cesare Catà (2010a, 2010b, 2011)⁷⁰, que buscam situar a importância do *DCW* na compreensão daquele novo projeto filosófico cusano e de sua inserção histórica, avaliando-o desde o prisma da “heresiologia”.

Senger (2001, p. 1005), considera que Cusa desenvolve sua “teoria da concordância” (*Konkordierungstheorie*) como uma alternativa teórica para lidar com proposições heréticas. Para Senger (2001, p. 1005), curiosamente, Nicolau de Cusa, que no Concílio de Basiléia participou de controvérsias contra doutrinas heréticas, como na discussão sobre a causa Hussita, e que cita exemplos de heresias em algumas passagens de suas obras⁷¹, veio a ser considerado um herege por Wenck. Senger nota que, em sua surpreendente defesa, Cusa censuraria aqueles que, com débil razão, “lêem algo para eles inusitado naqueles sábios videntes (*videntes sapientes*)” (SENGER, 2001, p. 1008). Dentre esses “sábios”, Senger (2001, p. 1008) considera uma extensa lista de pensadores de matiz neoplatônica cujas teses

⁶⁷ SENGER, Hans G. “Vom Umgang eines ‘Häretikers’ mit Irrtumslisten und Häresien. Nikolaus von Kues und die Pariser Verurteilungen von 1270/1277,” In: Jan A. Aertsen et al., editors, *Nach der Verurteilung von 1277. Philosophie und Theologie an der Universität von Paris im letzten Viertel des 13. Jahrhunderts*. Studien und Texte. Berlin: de Gruyter, 2001. pp. 1004-1014.

⁶⁸ MORAN, Dermot. Pantheism from John Scottus Eriugena to Nicholas of Cusa. *American Catholic Philosophical Quarterly*, v. 64, n. 1, p. 131-152, 1990.

⁶⁹ DUPRÉ, Louis. The question of pantheism from Eckhart to Cusanus. In: CASARELLA, Peter. (Ed.). *The legacy of Learned ignorance*. Washington D.C.: The Catholic University of America Press, 2006.

⁷⁰ CATÀ, Cesare. Il cardinale e l’eretico: Il problema dell’eredità “eterodossa” di Meister Eckhart nel pensiero di Nicola Cusano. *Viator (English and Multilingual Edition)*, v. 41, p. 269-291, 2010a. CATÀ, Cesare. Nicola Cusano e una tradizione neoplatonica abscondita. In: *A caccia dell’infinito. L’Umano e la ricerca del Divino nell’opera di Nicola Cusano*, Aracne Editrice, Roma, 2010b, pp. 213-252. CATÀ, Cesare. Cusanus’ Revival of Eriugena as a Renaissance Redefinition of Christian Orthodoxy? In: KIJEWKA, A.; MAJERAN, R.; SCHWAETZER, H.; (eds.). *Eriugena Cusanus*. Lublin, 2011, pp. 59-72.

⁷¹ Como as passagens de *DDI* em que Nicolau de Cusa menciona a “crença inconsistente dos sarracenos” (*absona Sarracenorum credulitas*), e a “cegueira diabólica dos judeus” (*Iudaei diabolica caecitate detenti*) Cf. *De docta ignorantia*, III, 8, 229. Na *Apologia doctae ignorantiae*, Cusa menciona os “Beguardos corretamente condenados” (*Begardi merito condempnati*). Cf. *Apologia doctae ignorantiae*, 43.

foram suspeitas ou condenadas de heresia, como Erígena, Mário Vitorino, Honorius Augustodinensis, David de Dinant, Bertoldo de Moosbusgo, Lúlio, Mestre Eckhart e Marsílio de Pádua. O *PDI*, fundamentado na teologia de Dionísio, que era capaz de abarcar teses opostas ou contraditórias sob a noção de *conjectura*, foi aquilo que permitiu essa abertura cusana àquelas teses heréticas. E, segundo Senger (2001, p. 1010), o método cusano da concordância⁷² enfraquecia as estratégias de confronto contra as heresias, pois, em princípio, “seu método resolutivo de investigação (*resolutoriae scholae*) o liberta de muitas ambigüidades, especialmente quando se trata de diferentes métodos de pesquisa (*inquisitionum modi*) de diferentes escolas filosóficas, como a peripatética e a platônica e suas teorias dissonantes” (SENGER, 2001, p. 1012)⁷³.

O estudo de Moran (1990, pp. 133-134) busca avaliar a possibilidade da correção das interpretações wencckianas de um “panteísmo formal” no pensamento de Nicolau de Cusa, através de passagens em que o mesmo discute a relação Deus-Universo. Sua conclusão é a de que Wenck, apesar de suas “cruas” (crude) aproximações à teologia negativa, poderia ser desculpado por suas interpretações, uma vez que Cusa “não dissipa inteiramente o sentimento de que está identificando o Criador e a criatura” (MORAN, 1990, p. 150. Trad. nossa), ainda que, em geral, o pensamento cusano deveria ser corretamente concebido a partir da afirmação dionisiana mediada por Eckhart de que “Deus não é isto ou aquilo” e que “no *modus complicandi*, todas as coisas são em Deus e, no *modus explicandi*, Deus não

⁷² Segundo Senger (1990, p. 1013), o método resolutivo cusano não destruiria o caráter opositivo das teses opostas. Porém, elas devem se tornar compatíveis e toleráveis ao serem tomadas como visões diferentes, como dois aspectos de um ser mais abrangente que é o *princípio do pensamento*, e desse modo, “a verdade das duas posições de conhecimento não é dialeticamente cancelada e sintetizada, mas permanece na respectiva relativização determinada pela perspectiva, não como a sabedoria última, porque essa, na resolução, deixa para trás as posições cognitivas e avança para uma mais abrangente. Pode-se, nesse método, reconhecer o significado original da dialética em Platão, que a introduziu como *conhecimento dialético*.” (SENGER, 1990, p. 1013. Trad. nossa).

⁷³ Cf. *Idiota. De mente*, 2, 66-67: *Arbitror non posse plures inquisitionum modos dari. [...] Mirabiliter omnes omnium tangis philosophorum sectas, Peripateticorum et Academicorum [...] Hae omnes et quotquot cogitari possent modorum differentiae facillime resolvuntur et concordantur, quando mens se ad infinitatem elevat.*

é nenhuma dessas coisas” (MORAN, 1990, p. 150). Nesse aspecto, Moran mostra a proximidade de Cusa com a tese de uma dialética imanência-transcendência divinas, presente em autores neoplatônicos como Dionísio e Erígena e as interpretações errôneas a respeito dela no medievo. Nesse sentido, Moran (1990, p. 133) entende, tal como Jacobi, os pensadores daquela tradição como “panteístas”, diversamente daquela interpretação “panteísta” de Wenck.

Dupré (2006), aprofundando essa temática, busca compreender se a noção de “panteísmo”, na definição do Primeiro Concílio do Vaticano: *una eademque [est] Dei et rerum omnium substantia* (a substância de Deus e de todas as coisas são uma e a mesma) (DUPRÈ, 2006, p. 74. Trad. nossa) poderia ser associada aos pensamentos de Eckhart e Nicolau de Cusa tal como Wenck o concebia. Sua conclusão é a de que ambos os autores não poderiam ser considerados panteístas nesses termos, uma vez lidos no contexto ontológico adequado, embora ambos sustentem uma posição sobre a *criação* que se desviou da tradicional, uma vez que “Eckhart distingue claramente o Ser de Deus do *esse ab alio* (“ser dependente”) da criatura, como ele o chama, enquanto Nicolau não deixa dúvidas de que o esse divino (“ser”), embora todo-inclusivo, só pode ser participado em modos que implicam alteridade” (DUPRÈ, 2006, p. 75. Trad. nossa).

E, por fim, os estudos de Catà (2010a, 2010b, 2011) trazem à tona aquilo que ele considera como um projeto de “redefinição da ortodoxia” por parte de Nicolau de Cusa. Catà avalia a relação do pensamento cusano com o de Erígena, no sentido de uma renovação que buscava “um link ontológico entre o humano e o divino, a divinização do mundo, a harmonia entre razão e fé e o culto da pura beleza sacra” (CATÀ, 2011, p. 71. Trad. nossa). Avalia também a relação do pensamento cusano com o de Mestre Eckhart (CATÀ, 2010a), no sentido de que este último herda um “programa de fundo” eckhartiano oposto ao tomismo: o de “mostrar a verdade contida no *Evangelho* através de razões naturais dos filósofos, na firme convicção que teologia e filosofia podem e devem ser insidiosamente unidas, dada a reciprocidade de *fides* e *ratio*” (CATÀ, 2010a, p. 17). A ortodoxia reavivada por Cusa, na visão de Catà, seria aquela tradição platônica derivada de Dionísio, na qual “Deus é a *quidditas* de qualquer criatura e, ao mesmo

tempo, está acima de todos os seres, acima de todas as coisas que são e que não são” (CATÀ, 2011, p. 63. Trad. nossa). Segundo Catà (2011, p. 70), essa rota alternativa ao escolasticismo proposta por Cusa seria rejeitada por Wenck em favor de uma “posição tomista” de modo que este último associaria o pensamento cusano àquelas mesmas acusações de heresia endereçadas à Eckhart e Erígena, de uma identificação plena de Deus com o mundo, enquanto uma *forma omnium*. As obras envolvidas no *DCW*, portanto, seriam fontes privilegiadas para o estudo da relação entre o pensamento de Nicolau de Cusa com o de Erígena e de Mestre Eckhart, uma vez que orbitam aqueles temas neoplatônicos supostamente heréticos herdados por Cusa.⁷⁴

1.4 O *DCW* COMO CHAVE DE LEITURA PARA OUTRAS OBRAS CUSANAS

Dentre os estudos que formularam um quadro comparativo das principais acusações de Wenck em relação às respostas de Cusa⁷⁵, a obra de Ziebart (2014)⁷⁶ possui um capítulo dedicado ao *DCW* sob o prisma da “relação entre a fé e a razão”. Ao lado dos ataques do monge conciliarista

⁷⁴ Para um estudo em língua portuguesa sobre a relação de Mestre Eckhart e Nicolau de Cusa a partir das acusações de Wenck, ver: NETO, José Teixeira. *Omnia cum deo coincidunt: uma tese eckhartiana presente no De docta ignorantia de Nicolau de Cusa?*. *Scintilla—Revista de Filosofia e Mística Medieval*, v. 12, n. 1, p. 63-83, 2015. Para um panorama sobre os estudos da relação entre Nicolau de Cusa e Mestre Eckhart, ver: BRIENT, Elisabeth. Meister Eckhart’s influence on Nicholas of Cusa: a survey of literature. In: HACKETT, Jeremiah M. (ed). *A companion to Meister Eckhart*. Brill’s Companion to the Christian Tradition, vol. 36. Leiden/Boston: Brill, 2013. Pp. 553-586. Para estudo clássico sobre a relação entre Cusa, Eckhart e Erígena, ver: DUCLOW, Donald F. *Masters of Learned Ignorance: Eriugena, Eckhart, Cusanus*. Aldershot/Burlington: Ashgate, 2006. Para a relação entre Erígena e Cusa: BEIERWALTES, Werner. “Eriugena i Cusano”. In: *Eriugena: I fondamenti del suo pensiero*. Vita e pensiero, 1998.

⁷⁵ Nessa linha de estudos que oferecem quadros comparativos entre as obras *DIL* de Wenck e a *ADI* cusana, além de Kuhnekath (1975), Flasch (2002) e Ziebart (2014), encontra-se também o capítulo de Sttamkötter (2004), que avalia as críticas de Wenck a partir de sua defesa do princípio de não-contradição aristotélico (*PNC*) frente à doutrina da coincidência dos opostos.

⁷⁶ ZIEBART, K. Meredith. *Nicolaus Cusanus on Faith and the Intellect: A Case Study in 15th-Century Fides-Ratio Controversy*. Brill’s studies in intellectual history, Vol. 225. Leiden/Boston: Brill, 2014.

Vicente de Aggzbach à obra cusana “*A visão de Deus*” (*De visione dei*, 1453), Ziebart (2014, pp. 51-136) se dedica às respostas cusanas da *ADI* contra Wenck. Esse estudo abre um novo campo de pesquisa a respeito do *DCW*: a busca por influências do criticismo wenckiano na concepção das demais obras cusanas, influências que o autor encontra, especificamente, na trilogia *Idiota* (*Sobre a sapiência; Sobre a mente; Sobre os experimentos estatísticos*) de 1450.

Em relação à *DIL*, o quadro comparativo apresentado por Ziebart considera três campos principais do *DCW*: o teológico, o epistemológico e o lógico. E, na segunda parte de seu estudo, Ziebart (2014, pp. 105-134) faz uma avaliação dos temas correlacionados às acusações de Wenck que podem ser constatados na trilogia *Idiota*. Ziebart (2014, p. 105) considera que, depois de refutar Wenck em *ADI*, Nicolau de Cusa buscaria refutar a Escolástica de modo geral: “a persona socrática adotada por Cusa na *Apologia* reaparece na figura arquetípica do ‘idiota’, ou leigo, que, pela reeducação dos membros do *establishment* acadêmico nos modos da douda ignorância, personifica a vitória sobre a antiga tradição que aqui se prevê” (ZIEBART, 2014, p. 105. Trad. nossa). Nesse objetivo, os conteúdos do *DDI* voltam reformulados numa linguagem informal, sem referências a autoridades, em um estilo dialético como “uma série de experimentos racionais auxiliados apenas por analogias comuns do dia-a-dia” (ZIEBART, 2014, p. 106). Nesses diálogos, Cusa estaria determinado a mostrar que a sabedoria do *Idiota* não constituiria um saber inferior, pois “os livros de Deus são escritos em todos os lugares da criação e não é necessário ler os textos das autoridades escolares para aprender a respeito” (ZIEBART, 2014, p. 106). Em “*Idiota: sobre a sabedoria*” (*Idiota, de sapientia*, 1450), Cusa retrata um pobre homem que discute com um arrogante orador no Fórum romano. O leigo o confronta com uma pergunta a respeito de como ele estaria cheio de orgulho e ainda não fora levado a um estado de humildade mediante o ininterrupto estudo dos livros. A resposta seria que o famoso orador não teria por objeto a Deus, mas a “sabedoria deste mundo”, que “inflama o orgulho dos indivíduos”, numa clara alusão à uma das principais acusações de Wenck⁷⁷. Na visão de Ziebart (2014, p. 110. Nota 198), essa

⁷⁷ João Wenck de Herrenberg, *De ignota litteratura*, 20, linhas 7-13: *A quibus nos Dominus*

e outras correspondências sugerem que Cusa tinha Wenck em mente ao criar tal personagem do “Orador”. Com esses tratados, pretendia mostrar como até os mais “entrincheirados” acadêmicos poderiam ser convencidos sobre a superioridade da douta ignorância e, assim como na *ADI*, a teologia mística, que aqui se refere à uma experiência direta da visão de Deus e não somente a um “ouvir falar”⁷⁸, seria apresentada como uma sabedoria elevada, perigosa aos “ignorantes”. Os elementos levantados por Ziebart (2014, p. 134) indicariam que Cusa, para além da *ADI*, em que apresentaria uma resposta crítica e defensiva contra Wenck, também lhe forneceria uma resposta positiva, naqueles tratados posteriores sobre o “*Idiota*”.

1.5 O *DCW* E AS INTERPRETAÇÕES ERRÔNEAS DA FILOSOFIA CUSANA

Como a última linha de pesquisa sobre o *DCW* identificada pelo presente estudo, considera-se aquela apresentada pelo tradutor norte americano da obra completa de Nicolau de Cusa, Jasper Hopkins (1983, 1988, 1994). Hopkins, a partir de sua interpretação sobre o *DCW*, apresenta algumas concepções equivocadas sobre a filosofia cusana na atualidade que se assemelham às malversações de Wenck. Em sua visão, a origem de algumas interpretações errôneas de Wenck reside, grande parte, na imprecisão da linguagem cusana e da obscuridade de certas passagens de *DDI*. Nesse sentido, em *ADI*, Nicolau trataria de esclarecer tais pontos, como a distinção entre *ratio* e *intellectus* que, segundo ele, está ausente

Deus cupiens elongare, excludere, et sequestrare, otium et visionem nostras in seipsum reflectens, nobis imperat vacare ad quiete videndum - non quidem in nuda stando visione scientiali nos inflante (a qua et daemones graeco vocabulo nuncupantor, daemones enim interpretantur scientes) sed potius visionis vacantia tendendo in id quod vere Deus est, omnis nostrae motionis satians requietio.

⁷⁸ Cf. *Idiota de sapientia*, 19, linhas 1-12: *Sicut enim omnis sapientia de gustu rei numquam gustatae vacua et sterilis est, quosque sensus gustus attingat, ita de hac sapientia, quam nemo gustat per auditum, sed solum ille, qui eam accipit in interno gustu. Ille perhibet testimonium non de hiis, quae audivit, sed in seipso experimentaliter gustavit [...]. Quapropter ad quaerentem aeternam sapientiam non sufficit scire ea, quae de ipsa legentur, sed necesse est, quod postquam intellectu repperit ubi est, quod eam suam faciat.*

em *DDI*⁷⁹. Na opinião de Hopkins, algumas leituras contemporâneas do pensamento cusano, como a de McTighe⁸⁰, falham por não levar em conta aqueles esclarecimentos, encaminhando-se para uma interpretação panteísta do pensamento cusano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as linhas de pesquisa identificadas na presente investigação sobre o “Debate Cusa-Wenck” (*DCW*), identificou-se cinco principais, conforme as seções apresentadas. Tais pontos já explorados pela literatura sobre o *DCW* são: i) dentre as áreas da filosofia já exploradas, a partir de um quadro comparativo entre as acusações de Wenck e as respostas de Cusa, estão a metafísica (e a teologia, com o debate sobre o panteísmo), a epistemologia e a lógica, bem como a contextualização histórica do ambiente político de seu entorno, onde se destacam as motivações conciliaristas de Wenck no combate ao “papalista” Nicolau de Cusa; ii) a reconstrução do pensamento de Wenck foi a principal tarefa realizada pelos primeiros pesquisadores alemães do *DCW* - Vansteenberghé (1910), Ritter (1936), Haubst (1955) e Kuhnekath (1975) - e, atualmente, tem sido retomada por Mario Meliadó (2016, 2021)⁸¹; iii) a pesquisa histórica sobre o *DCW*

⁷⁹ “Por exemplo, a distinção entre *ratio* e *intellectus* se tornou explícita em *Apologia*, uma vez que ela não estava presente de todo em *DDI*, I, e não completamente explícita, mesmo em *DDI*, III. (Mas ela estava presente explicitamente logo cedo em *De coniecturis*) (...)” (HOPKINS, 1988, p. 16. Trad. nossa). Gonzales Rios (2014, p. 117) chama a atenção para a passagem de *DDI*, I, 4, 11: “Con todo, estar en posesión de la comprensión intelectual de lo divino como coincidencia de los opuestos, si bien implica una intuición o captación cierta de la verdad no significa por ello alcanzarla tal como es en sí misma, pues lo divino en sí mismo, en su absoluta simplicidad, se encuentra más allá no sólo de todo aquello que puede ser concebido *sensibiliter* o bien *rationaliter* sino también de todo aquello que puede ser abrazado *intellectualiter* por un entendimiento finito.” (RIOS, 2014, pp. 116-117).

⁸⁰ MCTIGHE, Thomas P. Contingentia and Alteritas in Cusa’s Methaphysics”. *American Catholic Philosophical Quarterly*. Vol. 64, N. 1, Winter, 1990. Pp. 55-71.

⁸¹ MELIADÒ, Mario. Le Questiones super Librum de causis attribuite a Johannes Wenck. Concezione, fonti e tradizione manoscritta del commento. In: CALMA, Dragos. (ed.), *Neoplatonism in the Middle Ages*, vol. 2. Turnhout, Brepols, 2016, pp. 225-270. MELIADÒ, Mario. Neuplatonismus an der Universität Heidelberg? Johannes Wenck (†1460) als Kommentator des Corpus Dionysiacum. *Recherches de Philosophie et Théologie Médiévales*, n. 88 (2021), pp. 143-187.

encontrada pela presente investigação se embasa no caráter reformador da *ADI* cusana, principalmente em relação à recuperação dos pensadores cristãos “neoplatônicos” marginalizados na história, cujas teses teriam sido condenadas. Nesse sentido, o *DCW* é de grande importância na compreensão do período pré-Reforma Protestante, pois evidencia as características das disputas filosóficas da época, que se fundamentavam na perseguição às dissidências e heresias. O “princípio da douta ignorância” (*PDI*) é o princípio filosófico/metodológico que permitiu essa recuperação ecumênica cusana de diversos pensadores da antiguidade e daquela tradição “abscôndita”. Nesse sentido, evidenciou-se também a importância da recuperação do método dialético (platônico) por parte de Nicolau de Cusa, tendo em vista a superação do escolasticismo e o advento do Renascimento. iv) inicia-se, contemporaneamente, uma nova linha de pesquisa inaugurada por Ziebart (2014), na qual o *DCW* pode ser visto como uma chave de leitura para outras obras de Nicolau de Cusa, como nos diálogos subsequente à *Apologia* (1449), a trilogia *Idiota* (1450). E, por fim, a linha de pesquisa de Hopkins busca clarificar as interpretações modernas e contemporâneas da filosofia cusana que, não obstante os esclarecimentos operados na *ADI*, aproximam-se das mesmas malversações de Wenck.

Sendo assim, podem-se considerar os seguintes pontos do *DCW* que ainda necessitam maior investigação: i) as áreas da filosofia pouco trabalhadas na literatura que merecem maior atenção são: a cosmologia, a política e a ética. Nesse sentido, novas pesquisas podem relacionar a aplicação do *PDI* cusano em tais áreas, de modo a verificar as principais consequências contra a filosofia wenckiana e acadêmica de sua época, em geral, perceptíveis em *DIL* e nos demais tratados de Wenck. ii) a relação do *DCW* com o debate aristotelismo *versus* platonismo renascentista ainda é pouco explorada. Nesse sentido, pode-se averiguar quais seriam os outros debates paralelos capazes de se relacionarem com o *DCW*. Trata-se, portanto, de um trabalho de tradução e comentário tanto da obra de Wenck que, em sua maioria, ainda não foi editada (só foram editadas duas de suas obras), quanto da obra dos principais acadêmicos alemães da época, como, por exemplo, Nicolau Magno de Jawor, instrutor de Wenck. Caberia também situar a “redefinição da ortodoxia” elaborada por Nicolau de Cusa

frente a linhagem de pensadores da “Filosofia Perene”, inaugurada por Ficino e Steuco, uma vez que Cusa demonstra imensas contribuições na recuperação dos mais variados pensadores, principalmente os da mística neoplatônico-cristã, de modo ecumênico. Na linha de pesquisa inaugurada por Ziebart (2014), um grande campo ainda se encontra inexplorado, pois, somada com as hipóteses de Elpert (2002) e Flasch (2002), sua hipótese de que o *DCW* é uma chave de leitura para a obra de Nicolau de Cusa pode lançar luzes sobre a própria discussão a respeito das datas envolvidas no debate com Wenck. Uma vez que, segundo Elpert (2002) e Flasch (2002), Cusa poderia ter tido contato com as acusações de Wenck muito antes da data estimada por Haubst (1955), até mesmo, imediatamente após a *DIL* ter sido entregue a João de Gelnhausen em 1443. Dese modo, o período intermediário entre as acusações de Wenck e a defesa de Nicolau de Cusa (1443-1449), em que Cusa compõe diversos opúsculos e sermões, torna-se um terreno fecundo para a investigação de possíveis aprimoramentos teóricos inspirados pelas acusações de Wenck. E, por fim, em relação às discussões filosóficas contemporâneas, verifica-se que o *DCW* carece totalmente de um estudo analítico, sobre todas suas temáticas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, João M. **Sentido, simbolismo e interpretação no discurso filosófico de Nicolau de Cusa**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação científica e Tecnológica, 1997.

BAUR, Ludwig. **Cusanus-Texte**: Nicolaus Cusanus und Ps. Dionysius im Lichte der Zitate und Randbemerkungen des Cusanus. Marginalien III. 1. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1941.

BRIENT, Elisabeth. Meister Eckhart's influence on Nicholas of Cusa: a survey of literature. In: HACKETT, Jeremiah M. (Ed.). **A companion to Meister Eckhart**: Brill's Companion to the Christian Tradition. Leiden; Boston: Brill, 2013. v. 36. p. 553-586.

CATÀ, Cesare. Il cardinale e l'eretico: Il problema dell'eredità "eterodossa" di Meister Eckhart nel pensiero di Nicola Cusano. **Viator Multilingual**, Los Angeles, v. 41, n. 1, p. 269-291, 2010.

CATÀ, Cesare. Cusanus' Revival of Eriugena as a Renaissance Redefinition of Christian Orthodoxy? In: KIJEWSKA, A.; MAJERAN, R.; SCHWAETZER, H. (Eds.). **Eriugena Cusanus**. Lublin: Wydawnictwo KUL, 2011. p. 59-72.

CATÀ, Cesare. Nicola Cusano e una tradizione neoplatonica abscondita. In: CATÀ, Cesare et al. **A caccia dell'infinito**: L'Umano e la ricerca del Divino nell'opera di Nicola Cusano. Roma: Aracne Editrice, 2010. p. 213-252.

D'AMICO, Claudia. La recepción del pensamiento de Proclo en la obra de Nicolás de Cusa. In: **Anales del Seminario de Historia de la Filosofía**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2009. p. 107-134.

D'AMICO, Claudia . Nicolás de Cusa em diálogo com sus fuentes: la redefinición del platonismo. **Mirabilia**: eletronic journal of antiuity and middle ages, n. 19, p. 79-103, jun./dez. 2014.

DE BONI, Luis A. **Filosofia Medieval**: Textos. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. Teologia Mística. In: BONI, Luis A. de. **Filosofia Medieval**: Textos. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 65-70.

DUCLOW, Donald F. **Masters of Learned Ignorance**: Eriugena, Eckhart, Cusanus. Aldershot; Burlington: Ashgate, 2006.

ELPERT, J.B. Loqui est revelare. Verbum ostensio mentis. **Die sprachphilosophischen Jagdzüge des Nikolaus Cusanus**. Frankfurt am Main: Petter Lang, 2002.

FLASCH, Kurt. **Introduzione alla filosofia medievale**. Prefazione di Maria Bettetini. Torino: Einaudi, 2002.

HAUBST, Rudolf. Studien zu Nikolaus von Kues und Johannes Wenck: aus handschriften der Vatikanischen Bibliothek. **Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters**, Bd. XXXVII. H. 1. Aschendorff: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung Münster Westf, 1955.

HAUBST, Rudolf. Johannes Wenck aus Herrenberg als Albertist. **Recherches de théologie ancienne et médiévale**, Leuven: Peeters Publishers, v. 18, n. 1, p. 308-323, Juillet-Décembre, 1951.

HAUBST, Rudolf. Nikolaus von Kues und Johannes Wenck. Neue Erörterungen und Nachträge. In: DE WAAL, Anton. **Römische Quartalschrift für christliche Altertumskunde und Kirchengeschichte**. Rome: Rom Herder, 1958. pp. 81-88. Bd. 53.

HAUBST, Rudolf. Wenck, Johannes. In: BUMKE, Joachim. **Die deutsche Literatur des Mittelalters Verfasserlexikon**. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1999. pp. 841-847. Bd 10.

HOPKINS, Jasper. **Nicholas of Cusa's metaphysics of contraction**. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press, 1983.

HOPKINS, Jasper. **Nicholas of Cusa's debate with John Wenck: a translation and appraisal of De Ignota Litteratura and Apologia Doctae Ignorantiae**. 3. ed. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press, 1988.

HOPKINS, Jasper. Introduction. In: NICHOLAS OF CUSA. **Nicholas of Cusa's debate with John Wenck: a translation and appraisal of De Ignota Litteratura and Apologia Doctae Ignorantiae**. 3. ed. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press, 1988. P. 3-18.

HOPKINS, Jasper. Nicholas of Cusa and John Wenck's Twentieth-Century Counterparts. In: HOPKINS, Jasper. **A miscellany on Nicholas of Cusa**. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press, 1994. P. 3-38.

HOENEN, Maarten, J. F. M. Via antiqua and via moderna in the fifteenth century: doctrinal, institutional, and church political factors in the Wegestreit. In: FRIEDMAN, R. L.; NIELSEN, L. O. (Ed.). **The medieval heritage in early modern methaphysics and modal theory, 1400-1700**, pp. 9-36. Kluwer Academic Publisher, 2003.

KUHNEKATH, Klaus D. **Die Philosophie des Johannes Wenck von Herrenberg im Vergleich zu den Lehren des Nikolaus von Kues**. Dissertation (Doktorgrades der Philosophischen). Fakultät der Universität zu Köln, Köln, 1975.

McTIGHE, Thomas P. “Contingentia and Alteritas in Cusa’s Methaphysics”. **American Catholic Philosophical Quarterly**, Charlottesville, v. 64, n. 1, p. 55-71, Winter, 1990.

MELIADÒ, Mario. Le Questiones super Librum de causis attribuite a Johannes Wenck. Concezione, fonti e tradizione manoscritta del commento. In: CALMA, Dragos (Ed.), **Neoplatonism in the Middle Ages**. Turnhout: Brepols, v. 2, 2016. P. 225–270.

MELIADÒ, Mario. Neuplatonismus an der Universität Heidelberg? Johannes Wenck (†1460) als Kommentator des Corpus Dionysiacum. **Recherches de Philosophie et Théologie Médiévales**, Leuven: Peeters Publishers, v. 88, n. 1, p. 143-187, 2021.

MORAN, Dermot. Pantheism from John Scottus Eriugena to Nicholas of Cusa. **American Catholic Philosophical Quarterly**, St. Louis, v. 64, n. 1, p. 131-152, Winter, 1990.

NETO, José Teixeira. Omnia cum deo coincidunt: uma tese eckhartiana presente no De docta ignorantia de Nicolau de Cusa?. **Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 63-83, jan./jun., 2015.

NICOLAI DE CUSA. **Opere filosofiche, teologiche e matematiche**: A cura di Enrico Peroli. Milano: Giunti; Bompiani, 2017.

NICOLÁS DE CUSA. **De concordantia catholica, o sobre la unión de los católicos**. Introducción y traducción de Jose M. de Alejandro Lueiro, S. J. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1987.

NICOLAU DE CUSA. **A douta ignorância**. Tradução, introdução e notas de João Maria André. Baseada na edição bilingue da Academia de Heidelberg na Felix Meiner Verlag. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

RIOS, José G. Consideraciones en torno al De genesi de Nicolás de Cusa. Pensar más allá de la coincidentia oppositorum a la luz del nombre enigmático “idem”. **Mirabilia: Electronic Journal of Antiquity and Middle Ages**, n. 19, p. 104-25, 2014.

RITTER, G. Die Heidelberger Universität. **Ein stück deutscher Geschichte**. Heidelberg: C. Winter, 1936. Bd. 1: Das Mittelalter (1386-1508).

RITTER, G. **Studien zur Spätscholastik II**: Via antiqua und via moderna auf den deutschen Universitäten des XV. Jahrhunderts. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1922.

STAMMKÖTTER, Franz-Bernhard. “Hie homo parum curat de dictis Aristotelis” – Der Streit zwischen Johannes Wenck von Herrenberg und Nikolaus von Kues um die Gültigkeit des Satzes vom zu vermeidenden Widerspruch. **Herbst des Mittelalters? Fragen zur Bewertung des 14. und 15. Jahrhunderts**, p. 433-446, 2004.

TANNER, Norman P. Decrees of the ecumenical councils. **Sheed & Ward**, 1990. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20060402233228/http://piar.hu/councils/ecum15.htm#can28>>. Acesso em: 20 de June, 2021.

TAUTU, Aloysius L.; PAUS, Benedictus. Acta Benedicti XII (1334-1342). Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1958. v. 3. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/benedictus-xii/la/documents/constitutio-benedictus-deus-29-ian-1336.html>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

VANSTEENBERGHE, Edmond. Le “De ignota litteratura” de Jean Wenck de Herrenberg contre Nicolas de Cuse: texte inédit et étude. **Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters**, Bd. XIII. Aschendorff: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung Münster Westf, 1910.

ZIEBART, K. Meredith. **Nicolaus Cusanus on Faith and the Intellect: A Case Study in 15th-Century Fides-Ratio Controversy**. Brill’s studies in intellectual history. Leiden; Boston: Brill, 2014. v. 225.